
MÚSICA
18 ABRIL '07
DRUMMING
GRUPO DE
PERCUSSÃO

Espectáculo integrado no ciclo 'Os Filhos de Abraão'

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUA 18 ABRIL 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H15 · M/12

Direcção Artística Miquel Bernat
Músicos Miquel Bernat, Nuno Aroso, Pedro Oliveira, João Tiago, João Cunha, Rui Rodrigues e Paulo Costa
Luz David Sobral
Som Tiago Jonatas
Produção e Gestão Executiva David Sobral e Joana Ventura

PROGRAMA

Sofia Gubaidulina *In the Beginning there was Rhythm*

Steve Reich *Typing Music*

Jonathan Harvey *Mortuos plango, vivos voco*

Gavin Bryars *Jesus Blood Never Failed Me Yet*

Ricardo Nova *Thirteen Faces Formula* (2007), versão Drumming (estreia absoluta, encomenda da Culturgest/Drumming GP)

John Cage *Credo in Us*

O ritmo, como diz Sofia Gubaidulina, existia no início. É por isso que o ritmo, esse elemento humano tão fundamental, faz parte dos ritos, das celebrações, de diversas religiões. Seja a complexidade extática dos *derwiches*, os pratinhos dos Coptas, os sons metálicos das procissões dos hindus, a chamada à igreja pelo *simantron* dos monásticos gregos...

O percurso de Gubaidulina, na realidade, é complexo, e reflecte mais do que uma tradição religiosa. A ligação cristã ortodoxa tão manifesta na *Paixão segundo São Mateus* é complementada por um misticismo quase xamânico noutras obras, tais como *In the Beginning there was Rhythm*, cujo título alusivo ao Evangelho de São João funciona como motor de uma peça que mais parece um ritual – os tímpanos funcionam não só como caixas de ressonância (será que

os decibéis equivalem a uma torre de Babel?) mas como uma maneira de desmaterializar o material, na medida em que os sons altíssimos, quase plásticos, produzidos pelos tímpanos se transformam em *glissandi* evanescentes.

Para Steve Reich, o ritmo tem sido sempre fundamental, de uma maneira bem explícita e, mais recentemente, ligada à sua prática do judaísmo tradicional. *Typing Music* (1991), apesar da sua instrumentação “tecnológica”, está ligada a um texto do Livro de Génesis: a música – ou seja, os ritmos, que estiveram presentes no início – acompanha a dactilografia no palco de textos das sagradas escrituras.

Mortuos plango, vivos voco de Jonathan Harvey segue um rumo quase oposto: o ritmo nesta obra surge simplesmente da

série harmónica que vem de um sino, as secções sendo divididas simplesmente por badaladas individuais do mesmo. O filho do compositor cantava no coro da Catedral de Winchester, para o qual Harvey tem escrito uma série de obras litúrgicas e para-litúrgicas. Esta obra surgiu da mistura sonora do coro com os sinos e, em especial, a voz do seu filho, Dominic, e o sino maior, no qual está inscrito o texto: *Horas avolantes numero, mortuos plango, vivos ad preces voco* (Conto as horas fugidias, lamento os mortos, chamo os vivos à oração): a ideia é que a voz do rapaz representa o espírito vivo voando dentro do material “morto”, ou ao menos inânime, do sino, cujo som envolve o público. O material sonoro foi trabalhado no IRCAM em Paris, o que fez com que Harvey pudesse fazer transformações complexas mas suavíssimas entre os sons produzidos pelo sino e os sons puramente vocais.

A estética de Gavin Bryars, também britânico, é totalmente oposta à de Harvey. Fugindo do expressionismo, das tendências do modernismo, aliou-se de certa forma ao minimalismo, mas de uma maneira muito específica, através de projectos como a Scratch Orchestra e de ligações como o mundo do jazz. *Jesus' blood never failed me yet* baseia-se numa canção cantada por um vagabundo, uma expressão de fé tocante e simples. Bryars conta que, quando deixou a gravação da canção a tocar e foi buscar um café, ficou impressionado quando voltou e sentiu uma mudança na atmosfera, toda a gente visivelmente comovida. Este acontecimento fez-lhe decidir utilizar a canção, em jeito de homenagem ao

vagabundo. O acompanhamento transparente, mas sonoramente rico, deixa transparecer – apesar da sua negação do expressionismo – a reacção emocional do compositor a esta proclamação simplíssima de fé.

O “credo” de *Credo in Us* de John Cage não é um credo religioso: é mais um comentário irónico sobre a crença “auto-suficiente”. Foi escrito em 1942, para acompanhar uma coreografia de Merce Cunningham e Jean Erdman, e descrito como “uma suite com carácter satírico.” O elemento satírico é reforçado pelo uso de *samples* sonoros de outras obras – o compositor sugeriu música de Dvorak, Beethoven, Sibelius ou Shostakovich – fragmentos de transmissões radiofónicas e músicas populares. A instrumentação para a versão original incluía um pianista, dois percussionistas (tocando gongos com surdina, latas, uma campainha eléctrica e tom-toms) e uma pessoa para manipular a rádio.

Música... som... ritmo... como no início.

IVAN MOODY



Thirteen Faces Formula é um processo que gradualmente delinea e dá corpo a uma frase rítmica de 13/4.

Treze são os nomes da deusa hindu Kali – Kalika, Dambra, Raksha, Indivara, Dhanda, Ramani, Ishana, Jiva, Virya, Dhyana, Prajna, Saptarna e Kalasamkarshini.

Cada nome representa um estado de consciência cada vez mais elevado. O último nome, representado por um tridente com uma flor de lótus em cada ponta, é uma ressuscitação do primeiro nome, assim recomeçando o ciclo. O tridente com as três flores de lótus – uma tercina, a única – dá o impulso, quando se chega ao fim do processo, para um novo começo. Quando o processo chega ao seu apogeu, não há outro caminho

que não seja recomeçar. Terminar e recomeçar... terminar e recomeçar...

Kali representa uma via mística em que as fronteiras entre o bem e o mal se esbatem. O mal toma o lugar do bem e vice-versa, numa união que conduz à transcendência.

RICARDO NOVA

In the beginning there was rhythm

Ao pensar na música religiosa, fazemos imediatamente uma ligação à música vocal, ao órgão de igreja ou a algum Requiem orquestral. Apesar de existirem outras formas de música esta foi, sobretudo na Europa, a tendência seguida pela Igreja Católica. Ao observarmos outras religiões concluímos também que existe uma grande diversidade de músicas influenciadas pelo acto litúrgico ou por outras celebrações religiosas. Tendo em conta os nossos instrumentos – de um grupo de percussão – estamos muito longe de poder tocar essas músicas religiosas. Faremos sim uma demonstração tocando com instrumentos que são usados nessas músicas: o sino na Igreja e o tambor nas procissões. Neste programa não iremos trabalhar com instrumentos religiosos nem interpretar músicas de culto religioso. Este concerto não é um acto religioso. Os ateus poderão até ser os nossos melhores ouvintes. Transitaremos sim entre várias composições contemporâneas bem diferentes entre si mas interligadas pelo tema da religião. Compositores como Reich e Gubaidulina são crentes praticantes como eram Bach ou Messiaen que usaram a música para servir a religião e fazer oferendas a Deus. Outros compo-

sitores tiveram uma educação musical inserida no meio religioso como é o caso de Harvey no coro do Colégio Saint Michael de Tenbury. No caso Gavin Bryars, este cruzou-se com a religião num encontro ocasional com um grupo de “sem abrigo” que cantava uma melodia com letra referente a Jesus. Por fim outros são obcecados com as deidades índias e instrumentos como a Cupa-Cupa (Sarronca Siciliana, instrumento perverso na forma como se toca mas muito utilizado nas liturgias espanholas natalícias) e em usar a música para criticar a religião... Mas tanto os compositores como nós, músicos intérpretes, pretendemos que estes concertos, estes actos artísticos de vibrações sonoras, proporcionem ao público uma experiência transcendental, um alimento da alma, um êxtase espiritual. Que assim seja...

MIQUEL BERNAT

O **Drumming – Grupo de Percussão** emergiu no Porto em 1999 e desde então tem vindo a sintetizar a evolução da percussão erudita em Portugal e na própria cultura ocidental. Ganhou rapidamente a simpatia do público e das críticas, constituindo na actualidade uma referência na vida musical de Portugal, tendo no seu currículo dezenas de actuações em todas as principais salas do país: Casa da Música, Teatro Nacional São João, Centro Cultural de Belém, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Serralves, Culturgest, Teatro Camões, Teatro Rivoli, entre outros. O Drumming já levou também os seus espectáculos para fora do país: Bélgica, França, Alemanha, Brasil e sobretudo Espanha onde toca todos os anos, várias vezes. O Drumming – Grupo de Percussão foi grupo residente da Programação de Música da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura ajudando a contribuir para a divulgação de grandes peças contemporâneas ao mesmo tempo que vai formando o seu próprio repertório inventando dezenas de compositores nacionais e estrangeiros a escreverem obras especialmente para o grupo. Através do repertório que apresenta, o grupo consegue explorar as mais diversas e imaginativas formas de exprimir a Percussão. Parte do repertório do grupo é tocado em conjunto com outras estruturas como a Orquestra Gulbenkian, o Ictus Ensemble, o Remix Ensemble, a Orquestra Nacional do Porto, o Ballet Gulbenkian, a Companhia de Dança Kobalt Works de Bruxelas, entre outras formações. Actualmente o Drumming prepara a publicação de dois novos discos:

Monográfico de Franco Donatoni e um disco com o grupo de música improvisada electrónica @c. Participou no projecto *Unreal: Sidewalk Cartoon* (já editado em disco) do pianista Bernardo Sasseti. Em breve iniciará o projecto de alargar o seu nome em países de expressão portuguesa através da criação do Drumming Br (formação de um grupo de Percussão no Brasil) e a formação de uma banda de percussão e timbilas moçambicanas. Estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Instituto das Artes.

Miquel Bernat nasceu em Benisanó (Valência). Percussionista e pedagogo de prestígio internacional, membro fundador do Ictus Ensemble de Bruxelas e colaborador assíduo da Companhia de Dança Contemporânea ROSAS de Anne Teresa de Keersmaecker. Estudou nos Conservatórios de Valência, Madrid, Bruxelas, Roterdão e frequentou o Aspen Summer Music Course nos EUA. Recebeu vários prémios entre os quais o Prémio Especial do Concurso Internacional GAUDEAMUS, Holanda 1993. Tocou, entre outras, com a Orquestra Ciutat de Barcelona (1988-1991) e com a Royal Concertgebouw Orchestra de Amesterdão. Como pedagogo, Miquel Bernat orientou *masterclasses* nas seguintes instituições: Guildhall de Londres, Universidade de Sydney, Universidade de Pretória (África do Sul), Universidade de Campinas, Universidade de Patagónia, Victoria University of Melbourne, RICE University of Houston, Universidade St. Denis, em Paris, entre outras. Tocou como solista com a Orquestra Sinfónica de Madrid, a Orquestra Nacional do



Porto (ONP), o Ictus Ensemble, o Ensemble 216 de Barcelona, o Grupo Instrumental de Valência e o Champ d'Action de Antuérpia, entre outros. Ao longo da sua carreira Miquel Bernat tocou em vários recitais: Parco de la Musica de Roma, Centro Georges Pompidou de Paris, IRCAM, Brooklyn Academy of Music (BAM), Auditori Nacional de Catalunya, Festival de Helsínquia, Stockholm Festival, Festival Musica de Strasbourg, Zalsburg Festival, Festival Primavera de Berlim, entre outros eventos, que o levaram a visitar vários países nos cinco continentes como: Estados Unidos da América, Tailândia, África do Sul, Moçambique, Brasil, Argentina, Japão, Austrália, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suíça, Suécia, Finlândia, Holanda, Espanha, Múnaco, Áustria. Apaixonado pela criação contemporânea, colabora estreitamente com numerosos compositores, tendo dezenas de obras que lhe foram dedicadas. Ao longo de sete anos como Director Artístico do Drumming, Miquel Bernat criou e desenvolveu variadíssimos programas e espectáculos permitindo a evolução gradual dos músicos do grupo que estão hoje entre os

melhores percussionistas portugueses. **Nuno Aroso** desenvolveu os seus estudos musicais na Escola Profissional de Música de Espinho e na Escola Superior de Música no Porto, sob orientação de Miquel Bernat, onde se licenciou em 2001 com a classificação máxima. Foi-lhe atribuído o prémio de mérito da Fundação Eng.º António de Almeida. Concluiu em 2005 o Cycle de Specialization, no Conservatório Nacional da Região de Estrasburgo, curso dirigido por Emmanuel Séjourné. Trabalhou esporadicamente, em Paris, repertório do teatro musical com Jean Pierre Drouet.

É membro do Drumming – Grupo de Percussão e da Oficina Musical, direcção de Álvaro Salazar. Actua como músico convidado no Remix Ensemble, direcção de Peter Rundel. Como *freelancer* tem integrado diversas formações em Portugal e no estrangeiro no contexto das artes performativas modernas. O seu interesse pela renovação do conceito do concerto enquanto espectáculo e pela valorização da componente visual inerente à música levaram-no a criar e colaborar em vários trabalhos com outras disciplinas artísticas: teatro, novo circo, dança, poesia. Nuno Aroso lecciona na Escola Profissional de Música de Espinho.

Pedro Oliveira nasceu no Porto em 1976, iniciou os seus estudos musicais em bateria chegando a ter aulas na Escola de Jazz do Porto. Mais tarde tirou o curso de Percussão na Escola Profissional de Música de Espinho, ingressando posteriormente na Escola Superior de Música e das Artes

do Espectáculo, onde se licenciou. Participou em *masterclasses* com os Cincinati Percussion Ensemble, Graham C. Jochen, Ian Putjens, Kroumata Percussion Ensemble, Emmanuel Séjourné, entre outros. Participou em projectos de música brasileira, latino-americana, desfiles de rua, acompanhamento de dança e música contemporânea. Actualmente participa no grupo Drumming liderado por Miquel Bernat e lecciona na Escola Profissional de Música de Espinho e na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo.

João Tiago Almeida Dias nasceu a 7 de Fevereiro de 1986. É natural de Loureiro, onde iniciou os seus estudos musicais com 12 anos na Escola Banda Música Loureiro na classe de percussão com a professora Isabel Silva. No ano lectivo de 2001/2002, ingressou no curso de percussão da Escola Profissional de Música de Espinho, onde estudou percussão com os professores Joaquim Alves, Rui Sul Gomes, Nuno Aroso, Pedro Oliveira e Helena Pereira. No ano lectivo de 2004/2005 ingressou na Escola Superior de Musica e das Artes do Espectáculo no curso de Percussão, orientado pelos professores Miquel Bernat e Manuel Campos. Frequentou *workshops* com os professores: George Ellie Octors, Bart Quartier, Emmanuel Séjourné, Zoltán Rácz, Miquel Bernat, Vinícios Barros e Rogério Bocatto, Nicholas Perezza, Jean-François Lézé, Denis Riedinger, Philippe Spiesser, Olivier Pelegri e Mário Teixeira. Actua regularmente como reforço convidado com a Orquestra Nacional do Porto, com

a Orquestra Utopica e com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. É membro do Drumming – Grupo de Percussão sob a Direcção Artística de Miquel Bernat.

João Cunha iniciou os seus estudos musicais aos oito anos, começando por estudar piano e formação musical e alguns anos mais tarde percussão. Em Setembro de 1997 ingressa na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, onde estuda percussão com os professores Manuel Campos e Miquel Bernat. No ano lectivo de 2003 finalizou a licenciatura com a nota máxima. No mesmo ano obteve o prémio de mérito da Fundação Eng.º António de Almeida. Neste momento encontra-se no terceiro ano do curso de Bateria/Jazz na mesma escola. É membro do grupo de percussão Drumming. Tem-se apresentado em concertos com o Remix Ensemble, Orquestra Utopica, com o trio de Carlos Azevedo, o quarteto de André Sarbib, com a cantora Jacinta, com o quinteto de Pedro Guedes e a Orquestra de Jazz de Matosinhos. Lecciona a disciplina de percussão na Academia de Música de Lousada.

Rui Rodrigues nasceu em 23 de Agosto de 1976, em Penafiel. Iniciou os seus estudos musicais na Escola de Música de Paredes com os professores Ildebrando da Mota Coelho (FM), Mário Teixeira e Joaquim Alves (Percussão). Em 1992 estudou no Conservatório de Música do Porto com o Prof. Jacob Oliveira. Em 1993 estudou em Bruxelas com o Professor Pierre De Brouke. Em 1994 ingressou na Escola Profissional de

Música de Espinho onde trabalhou com os professores Miquel Bernat, Manuel Campos, Mário Teixeira, Paulo Oliveira e Joaquim Alves. Enquanto aluno participou em vários *workshops* com percussionistas como Ricardo Hernandez, Emmanuel Séjournee, Jan Pustjens, Kroumata Percussion Group, entre outros. Em 1997 ingressa na Universidade de Aveiro onde trabalhou com o percussionista Pedro Carneiro. Em 1998 foi admitido na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, onde se encontra actualmente a estudar. Colaborou com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra das Beiras, Oficina Musical e Orquestra Utopica. É membro fundador dos grupos 1 – poesia percussão, A cor das ovelhas Amarelas – poesia percussão, Perecatú – quarteto de percussão, Trama – trio de percussão. É membro do Drumming – Grupo de Percussão e do grupo Boite Zuleika. Participou em diversos festivais de música, onde se destacam Festival de música de Espinho, Jornadas Contemporâneas de Aveiro, Festival de Música do Mundo de Tondela, Ritmos da terra, Encontros de Música Contemporânea de Lisboa, entre outros. Tocou nas principais salas de espectáculo do país e estrangeiro. Trabalhou com a companhia de teatro Seiva Trupe na produção da peça *Péricles Príncipe de Tiro*; participou no Festival de teatro de rua *Arena* na Alemanha e em várias produções de alunos da ESMAE. Participou como músico e compositor em diversas edições discográficas. No plano pedagógico

desenvolve actividade de professor na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e da Academia de Música de Viana do Castelo desde 1999. Orientou diversos *workshops* sobre improvisação e movimento ao serviço da Casa da Música desde 2001.

Paulo Costa nasceu em 1974 e iniciou os seus estudos musicais em 1998 na Escola de Jazz do Porto onde estudou Bateria. No mesmo ano ingressou no Conservatório de Música da Maia no curso de percussão. No ano de 2000 inicia a sua frequência na Academia de Música de Espinho, no curso de Percussão, sob orientação do professor Hugo Vieira. Desde 2000 é percussionista na Banda Filarmónica de Rio Mau, sob direcção de Hugo Vieira. É baterista do grupo de jazz *So What*, onde tem actuado com alguma regularidade desde 2001. No ano de 2003 ingressou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), onde frequenta o curso de instrumento, área de percussão – 3º ano, sob orientação dos professores Manuel Campos e Miguel Bernat. Desde então tem participado em acções da ESMAE, nomeadamente na Orquestra Sinfónica da ESMAE, na Oficina de Música Contemporânea e em grupos de música de câmara. É percussionista do grupo de percussão Meio. Integra o núcleo de colaboradores do Drumming – Grupo de Percussão e mais recentemente é percussionista no projecto *Steel Drum... Still Drumming* do mesmo grupo.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

JAZZ ABRIL SEX 20

Charles Lloyd Quartet

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

Charles Lloyd nasceu em Memphis, Tennessee, em 1938. Ofereceram-lhe o seu primeiro saxofone quando tinha nove anos. Muito jovem tocou com George Coleman e acompanhou grandes nomes dos *blues* como B.B. King. Estudou na Universidade de Califórnia do Sul, em Los Angeles, ao mesmo tempo que tocava em bares e clubes com músicos como Ornette Coleman, Don Cherry, Charlie Haden, Eric Dolphy, entre outros.

Em 1960 passou a integrar o grupo de Chico Hamilton, de que foi director musical. As principais gravações da banda incluem temas e arranjos seus. Ainda no início dos anos 1960 foi para Nova Iorque onde tocou com Coltrane, Monk, Mingus ou Miles Davis. Em 1964 passou a fazer parte do sexteto de Cannonball Adderley. Ainda nesse ano assinou um contrato com a editora CBS, para quem gravou vários discos como líder.

No ano seguinte formou o seu quarteto com Keith Jarrett no piano, Jack DeJohnette na bateria e Cecil McBee no baixo. A banda teve um enorme sucesso. Uma das suas gravações, *Forest Flower*,

foi o primeiro disco de jazz que vendeu um milhão de exemplares. Deu concertos por toda a Europa (também passou por Cascais), incluindo a URSS.

Em pleno sucesso da sua carreira, no início dos anos 1970, resolve, porém, dissolver o seu quarteto e retirar-se para Big Sur, uma pequena região da Califórnia, recolhida e de rara beleza, onde se refugiavam criadores como Jack Kerouac ou Henry Miller. No início dos anos 1980 resolveu lançar um jovem pianista francês, então com dezoito anos, que aparecera por Big Sur, Michel Petrucciani. Durante três anos gravou e fez digressões com o quarteto que incluía o pianista. E voltou de novo para o seu refúgio.

Só em 1986, depois de uma grave doença, Lloyd volta a dedicar-se à música. Desde 1990 que se ligou à editora ECM de Manfred Eicher, para quem já gravou doze álbuns. Para a revista *Down Beat*, em subtítulo a um texto sobre o músico saído em Julho de 2006, a carreira de Charles Lloyd tem sido uma viagem à descoberta do desconhecido na música.

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos



MINISTÉRIO DA CULTURA



Instituto das Artes